

ACTUALIDADE

Revista independente, literaria e noticiosa
Propriedade de A. Camara & C.

Directores: Pedro Lopes Junior e João Café Filho.

Gerente: Aljzto Soares da Camara.

I NATAL, 27 DE JUNHO DE 1929

NUM. 3

AS DEUSAS DA TELA

INICIAMOS hoje, a publicação dos retratos das principaes estrellas do cinema.

Theda Bara, é uma das mais

creação cinematographica até hoje apparecida, da inequalavel fabrica norte americana Fox Film. Nesse film a lindissima artista a-



Theda Bara

perfeitas intérpretes da arte do silencio. Os cinemas desta Capital irão em breve exhibir um dos seus mais sensacionaes trabalhos—CLEO PATRA—a maior

presenta mais de 50 costumes riquissimos e adornados de rendas, bordados, pedrarias de valor.

Surjam os senhores thedabaristas!

SEBASTIÃO FERNANDES, espírito sempre novo e progressista, tanto empunha a
pena para, como magistrado íntegro, que é, proferir as mais rectas e
apreciadas sentenças, como para cultivar a bellissima arte da poesia.

Foi num doce retiro barólico da fazenda "Gamelleira", em um friorento mez de Junho de 1917,
que elle, na sua admiravel simplicidade, compôo os versos que temos agora a satisfação
de apresentar aos nossos leitores.

LAVRADORES DE "GAMELLEIRA"

I

De longe vim, amigos, ver se, acaso,
Entre vós encontrar ainda mereço
Tregoa á ansiedade em que me abrazo,
Remedio para o mal de que padeco.

O ar livre dos campos, generosos
Faz vossos corações de bons roceiros;
Que... pazes saúdes, musculosos!
Que homens valentes, fortes... mas ordeiros!

Vem ver me todo mundo: o mais antigo
Vaquenho destas hordas redondezas,
Em 1/2 de hora, é o meu maior amigo,
Ala com a mais simples das franquezas.

... alegre, as ficanhas do seu tempo,
As perigosas juntas, os descantes...
E outras historias que, risonho, atempo,
Sem que sejam mendacias, ou desplantes.

A casa entrando, com simplicidade,
Dizem, sorrindo, com o maior respeito:
—«Vimos ver seu dr., que é sem «bondade»,
Que antes Juiz de Paz, que de Direito».

Narram prodigios mil dos curandeiros,
Os invernos, as seccas, as desgraças...
Tudo sinceramente, verdadeiros,
Sem arroubos, grandezas nem «fumaças».

II

Levam-me a ver as lavras promissoras:
E vejo alegre, de ares prazenteiros,
Sobre a verde toalha das lavouras
As taças de ouro dos algodoeiros.

E a terra cavam, cavam com energia,
Sem o leve vislumbre de um desgosto.
Estes, sim! ganham o pão de cada dia
Biblicamente, com o suor do rosto.

Que saúde têm elles! Como estranho
Tanta disposição desassombrada!
—Antes a penna com que a vinha ganhou
Fosse a folha espelhante de uma enchada.

E fico assim, a sós, alguns instantes,
Impressionado pelo meu pallôr...
Ah! tivesse eu os musculos resaltantes
E a força bruta de um carregadôr!

Que bôa vida nós aqui vivemos!
Que corações tão desinteressados,
Sem as maldades que nós outros temos
E as falsidades dos civilisados!...

Nobre gente feliz e corajosa!
Que importa o que passou e o que virá?!
Basta que a chuva desça copiosa
Ao tempo certo, o resto... Deus dará.

Mas, si o estio perdura, que vigilia!
A noite, em claro, o dia, em dissabores...
Que lucta, oh! ceus! E a innumera familia!

.....
Deus dê saúde aos pobres lavradores.

Fazenda «Gamelleira»—6. 1917.

S. FERNANDES.

EXPEDIENTE

ACTUALIDADE

REVISTA INDEPENDENTE, LITERÁRIA E NOTICIOSA
Publica-se mensalmente

Toda correspondencia deve ser dirigida para a redacção, á rua 21 de março
ACTUALIDADE não aceita collaboração que esteja destiada do seu programma e nem
se responsabilisa pelas idéas e conceitos em artigos assignados

ASSIGNATURAS	ANNUNCIOS
Por trimestre..... 1\$000	Preços para cada publicação: Uma Pagina, 15\$
Annual..... 4\$000	½ Pagina, 7\$500. ¼ 5\$000. Um oitavo, 3\$500.
Numero avulso..... 5400	Abatimento de 30 % em contractos.

PAGAMENTO ADIANTADO

A burlêta lusitana

HA longos annos nós brazileiros mentimos descarada e impatrioticamente aos nossos filhos, ensinando lhes numa falsa História do Brazil, que fomos descobertos no dia 3 de maio de 1500 pelo Almirante portuguez Pedro Alvares Cabral.

Esse factio histórico, entretanto, para felicidade nossa, não passa de uma fina burlêta encenada nos mambembes da terra de Camões e muito mal representada no theatro nacional.

Data de 1492 o nosso descobrimento, e nós o devemos ao célebre navegador genovez Christovam Colombo.

Nesse anno, tendo Colombo, pelos seus cálculos scientificos, affirmado a existencia de um novo continente, foi lhe concedido pela rainha D. Isabel trez navios com cento e vinte homens de equipagem afim de effectuar a descoberta desse Novo Mundo.

A 19 de abril assignou a rainha "um pacto pelo qual elle recebeu os títulos honorarios de Almirante e Vice rei em todos os mares, ilhas e terras que descobrisse", transportando-se no dia 12 de maio para o pequeno porto de Palos, de onde, no dia 3 de agosto, se aventurou atravez do desconhecido.

Por mares nunca dantes navegados.

Os episódios com suas peripécias antes do descobrimento da América são bem conhecidos.

A 21 de setembro sublevou-se a tripulação, desejando voltar Hespanha, não querendo, segundo conta M. de Araujo Porto Alegre, se submeter ás ordens

Desse vil estrangeiro ambicioso,

pois o

*Coração de Hespanhol repugna activo
O servir como escravo a um forasteiro.*

A 11 de outubro já todos desesperavam encontrar terra, quando Colombo, marinheiro experimentado, conheceu pelo balancear das ondas sua forma, pelas névoas sem vento—segundo o poeta Porto Alegre—, que havia aproximação de terra.

Effectivamente, no dia seguinte, 12 de outubro, foi descoberta a America (e o Brazil), tendo Colombo tocado pela primeira vez em Guanahamou S. Salvador, ilha no archipelago das Lucayas.

Depois de Colombo o navegador Castelhano Vicente Yanez Pinzon, em 25 de janeiro de 1500 esteve na ponta da terra hoje denominada Santo Agostinho (Pernambuco) passando pelas aguas do Rio Grande do Norte indo até diante da foz do Amazonas.

Porque elle não deu, dessa vez, o Brazil por descoberto? Porque sabia que elle o fôra por Christovam Colombo.

Mezes depois, navegando o Almirante portuguez Pedro Alvares Cabral para as Indias, querendo affastar-se das calmarias da costa da África—segundo rezam todos os compêndios de História do Brazil—veio dar em uma terra a que denominou Porto Seguro, depois Vera Cruz—que é hoje o Brazil.

Ahi é que está a burlêta lusitana. Cabral, casualmente encontrando a casa vazia, apossou-se militarmente della, mandou rezar u'a missa, fixou um Padrão—e eil a dominio de Portugal, dependente de reis como D. Manoel e com a condição humilima de enviar tantas toneladas de ouro annualmente, quantas exigissem o fausto e a libertuagem que corrompia a velha e apodrecida côrte portugueza.

Acabe-se com essa farça lusitana e proclame-se o legítimo descobridor do Brazil.

PEDRO LOPES JÚNIOR.

Natal—Junho—1920.

MAIO

Es nos em Maio—brilhante,
Bello mez: com mais fulgor,
Erlina o cõo menos distante
E mais azul, scintillante,
Cõr mais pura e viva cõr.

Mez de Maria, divino,
Cheio de graça e de amor...
— Tudo á Deus consagra em hymno:
O velho, o moço, o menino,
O tigre, a pomba... o credor!

Mez de rozas, mez de infada
Alegria encantadora,
E, parece, á sua vinda,
A natureza mais linda
Se nos mostra e seductora.

As borboletas nos prados
Andam tontas de ventura,
Tal qual os deputados
Recentemente chegados
De regresso á... sinecûra.

Mez de sol, de mais ridentes
De mais esplendidos raios,
Em que começam, contentes,
Dando à lingua impertinentes,
Esses nobres papagaios.

ACTUALIDADE tem a honra e a satisfação de inserir em suas colunas, a poesia humorística MAIO do poeta carioca Peres Júnior, muito conhecido naquello meio literario por Telles de Meirelles, pseudonymo com que collabora em quasi todos os seminarios do Rio de Janeiro.

Telles de Meirelles pertence a essa feliz classe de individuos que sabem levar a vida pelo lado pinturesco que ella possui, se lembrando sempre de que com tristezas não se pagam dividas. Filhado a escola do grande Bastos Tigre—o pontífice do humorismo brasileiro—com quem convive, elle nos dá sempre em *D. Quixote*, *Seleção*, *Von-Pope* e muitas outras revistas illustradas, doses do seu humorismo saio que é o mais perfeito desopilante do fígado.

A poesia ao lado de vemos ao nosso talentoso collaborador Jayme Adour da Câmara, actualmente no Rio de Janeiro, onde se mostra sempre amigo das cousas literarias do seu Estado.

Gratos ficamos ao Telles de Meirelles, cuja collaboração será sempre muitissimo bem recebida nesta casa.

O malandrim adestrado
Que sagaz sempre nos logra
O motorneiro, o soldado,
O vil sandeu, o lettrado,
A serpente, o sapo... a sogra.

Mez de Maio,—as almas puras
Erguem aos céos orações,
Que longe vão, nas alturas,
Longe das cousas perjuras;
Das miserias e traições.

Mez de Maio—abrem-se em flores
Os campos; abrem-se à luta
O Congresso, os lutadores,
São os mesmos palradores
Constantes, que o povo escuta.

São os mesmos que a retranca
Nelle poem, e que a nação
Alguns desejam ver manca
E dos quaes mais não se attranca
Do que feroz Cavação !!

TELLES DE MEIRELLES.

Rio—920.



RIACHUELO



A DATA de 11 de Junho está assinalada nas paginas da historia do Brazil por um feito glorioso de seus filhos que conquistaram, na memoravel batalha naval do Riachuelo, uma victoria da qual havia de orgulhar-se qualquer outra nação que a houvesse conquistado.

Infelizmente o culto do civismo, no que diz respeito á analyse dos grandes feitos de heroismo de nossos antepassados, ainda está lamentavelmente descurado em nosso paiz.

Bem poucos brasileiros prestam a devida attenção ao valor desses embates que a historia de nossa Patria regista, passando quasi no olvido umas tantas datas que marcam verdadeiras epopéas, dias em que, no ardor das pelejas, no mar ou em terra, com o inimigo forte, audaz e impulsionado por essa força poderosa que é o fanatismo, nossos patrióticos puzeram em evidencia inextinguivel coragem e sobretudo essa dignificante virtude que é o patriotismo.

Todas as grandes nações orgulham-se de seus feitos, veneram seus heróes, cultuam os filhos que morreram ou derramaram sangue por sua liberdade.

A historia da França, gloriosa por certo, serve de termo de comparação quando se fala em valor, abnegação e bravura, quando ha referencias ao amor da Patria.

Abramos, porem, a historia do Brazil.

Analysemos os feitos de nosso Exército, de nossa marinha, nessa longa e terrivel campanha em que o Brazil se empenhou com o Paraguay, então sob o dominio de um tyranno e raciocinemos si esse 24 de Maio que passa despercebido a nosso povo, si esse 11 de Junho que só a marinha commemora, são menos dignos da explo-

são do nosso enthusiasmo, de nossa satisfação, do que o 14 de Julho, ruidosamente festejado porque marca a liberdade dos povos.

Outro povo que nós fomos, menos accessivel a apreciar com exagerada benevolencia os feitos alheios, mais propenso a prestar devido e merecido culto ás cousas patrias e a batalha de Tuty, a passagem de Humayta, o combate naval de Riachuelo e muitos outros feitos valerosos, inextinguíveis de audacia, bravura e patriotismo de que as paginas da historia do Brazil estão repletas, não passariam no olvido, na deploravel calma dos dias communs, sem que ao menos o estremeido pavilhão ari-verde que fluctúa festivo em outras datas menos dignas de nossa admiração se desdobre baifejado pela brisa para delectar nosso olhar com a belleza de suas cores lindas.

Barrozo, encarnação da vontade e do saber querer, que soube exigir que "cada brasileiro" cumprisse o seu dever" icando no titulo da lendaria Amazonas um simples signal que conñazio o Brazil á victoria, Greenhagh e Pedro Afonso moços heróes que morreram abraçados ao pavilhão da Patria, lutando contra muitos na mais positiva demonstração da coragem e do patriotismo, Marquillo Dias obscuro e simple marinheiro que legou á historia um nome glorioso, seriam heróes universalmente conhecidos si não tivessem a quasi desdita de ter nascido sob o céu azul e lindo onde o cruzeiro rutila ou adoptado o Brazil como Patria.

Talvez mais tarde todos os brasileiros prestem o devido culto de admiração a nossos antepassados que derramaram o

SONETOS

(HOMEM DE SIQUEIRA)

Adeus, pallida noite, o escampo espaço
Beijam lívres tremulos do dia
(O céu tão liso como espelho de aço
Azas de sêda no infinito abria).

Quanta doceira e paz, quanta harmonia
Nas cousas mansas em fraternal abraço!
Alma, em curva ideal o azul descia
Da terra verde ao candido regaço.

Morrem estrellas no cerúleo altar
E o thuribulo do sol de ouro irriga
A superficie placida do mar.

Dêja-se a noite, maternal amiga;
Desfaz-se o véu balsamico do luar
Em que occultava a minha dôr antiga.

Natal, 18 de maio de 1920.

Tendo nas mãos a face rubra e quente
Que esparge a luz, nasce a rosea manhã
De entre nevoas, como a Vênus pagã
Das espumas do mar, louca e esplendente.

Seus pés de fada pisam docemente
Núvens de arminho. É branca castellã,
Entreabre em risos lábios de roma
A' terra bênçãos a lançar clemente.

No rio de luz, auroreal levadas
Passam de manso pelo azul sonhando
As estrellas, Ophelias, desmaiadas

Como aves de neve os céus buscando
Segue-as um bando de canções magnadas
Dos trovadores pallidos chorando.

Natal, 24 de maio de 1920.

PODER DE CLOTHO

Para o meu amigo Reis Lisboa.

No círculo de ferro em que ora vivo,
quanta supplicios! quantas amarguras!
Milhões de dótes, nem um lenitivo!
Sombras somente... sombras muito escuras!

E tu que foste—oh! sim!—entre as creaturas
todas aquella que me fez captivo,
tens para mim injurias as mais duras,
e tornas meu tormento mais activo!

Sem a lembrança do viver remoto
que fôra cheio de illusões tão bellas,
fazes valer o teu poder de Clotho!

Vives fiando, impossivel os destinos,
cordada por fulgidas estrellas,
nos olhos tendo brillos assassinos!

BARRETO SOBRINHO.

Natal, Maio, 1920.

IDIOSYNCRASIA

A Nascimento Fernandes.

Moro junto da Sê. Badala um sino
Com fúria, a retinir nervosamente,
Communicando, alegre, á toda a gente
Que aos sete palmos vae mais um delirio...

E eu fico-me a pensar nesse ex-vivente:
—Si elle era masculino ou feminino,
Si era bom, si era máu, si era assassino,
Si era boçal, ou si era intelligente...

E o sino a badalar.. Qual muito forte,
Possante pilha eléctrica, os meus nervos
Imprecações fulminam contra a morte...

Eu tenho horrôr aos sinos todos juntos,
E esse horrôr, sino máu, quero dizer vos,
Transformo em ódio a todos os defuntos..

PEDRO LOPES JÚNIOR.

(Do livro *Sinophobia*).

precioso sangue e morreram pela liberdade de sua Patria.

Babala-me o espirito, talvez algo sonhador, a risonha esperanza de ver ajuda, nas datas nacionais, tremulando airosamente nos mastros aos quaes ascende por outros motivos, essa bandeira azul verde tão bella, tão querida, tão activa, que está sempre ao lado do direito e da justiça, que se bate pela liberdade e pelo progresso, que foi tremular nos mares europeus na popa de nossos modestos vasos de guerra promptos a defender esses principios saos, esse pavilhão altaneiro que nos enche de orgulho em cujas dobras se condensa a Patria que adoramos e pela qual, certamente, tambem derramaremos nosso sangue como os heroicos marinheiros que ha 55 annos caíram no coveiro da Parahyba, abraçados á sua adriça, morrendo gloriosamente pelo Brazil! A. L. RIBEIRO.

Finissima Aguardente

GATO PRETO

APERITIVA E ESTOMACAL
TITO SILVA & C.—Parahyba do Norte

Vende Lauro Medeiros—Natal

Damos aos nossos collaboradores, dentro das normas do nosso programma, a mais ampla liberdade nos seus conceitos e nas suas idéas; entretanto, não somos responsaveis pelos artigos assignados e só responderemos pelas opiniões emitidas nos artigos redaccionaes.

Acceptando, como acceptamos, a collaboração franca dos principiantes nas letras como um incentivo, que allás não recebemos de quem nos devia incentivar, ficamos, todavia, com o direito de distinguir as suas publicações das dos nossos collaboradores effectivos, collocando o distinctivo néo ao lado do nome ou pseudonymo.

A Redacção.

CELESTE

Succo de Cajú

SEM ALCOOL

TITO SILVA & C. — Parahyba do Norte

Vende Lauro Medeiros—Natal

Livros novos

"Como se higienizaria Natal"—pelo Dr. Januario Cicco—Atelier Typ. M. Victorino, A. Camara & C.—Natal—1920.

O ILLUSTRE clinico Dr. Januario Cicco teve a gentileza de offertar-nos o seu livro cujo título serve de epigraphe á esta noticia.

O trabalho do conceituado clinico è de fôlego e não está nos reduzidos limites desta revista; no entanto convém sempre dizer que, para os governos estadual e municipal e mui particularmente á Directoria Geral da Saúde Pública, elle o é de grande necessidade, pois o seu autor aponta os meios possiveis para a higienização desta Capital, documentando a sua obra com innúmeras photographias dos pontos onde abundam focos de *anophelinas* e *stegomia calopus*.

Escrepto numa linguagem accessivel a todos os entendimentos, o livro a que nos reportamos muito enobrece o seu autor pela independencia das idéas e conceitos e mais ainda pelos serviços que ha de prestar ás autoridades sanitarias.

Somos muito gratos a essa valorosa offerta, principalmente pelas palavras com que o talentoso facultativo traçou a dedicatória.

Como se higienizaria Natal contem 44 paginas bem impressas, 12 clichês, e foi editado no "Atelier M. Victorino", de A. Câmara & C., proprietarios da ACTUALIDADE.

Temos um artigo para publicar no proximo numero, intitulado *Nacionalismo*, do sr. Antonio Capellas.



TUBERCULOSA

Era uma formosura. Conheci-a
d'antes,—de rosea tez, seio branco,
esbelta e cheia de contentamento,
—moça loura, romantica e sadia.

Via-a, depois, de rosto macilento,
sem aquella belleza que possuia,
—estaturinha viva de melancolia,
desaleitada pelo soffrimento.

Tuberculosa, andou triste, esperando,
a tossir, a tossir—cancada e rouca,
—o final de um destino miserando.

Não fazemos a apresentação
de Edinor Avelino. Seu nome
é de ha muito conhecido como
um dos mais fortes talentos po-
éticos da nova geração norte-
riograndense. *Selecta*, do Rio,
e *Revista Feminina*, de S.
Paulo, em paginas de honra,
têm inserido bellissimos traba-
lhos desse modesto cultor da
rima.

Tuberculosa, ao lado, não pre-
cisa louvores...

Teve calma de santa e olhar de louca!
e morreu, n'uma tarde, deirando
uma porção de sangue pela bocca.

EDINOR AVELINO.

Natal—Junho—1920.

(Composto especialmente para ACTUALIDADE)

PRIMEIRO QUE TUDO

O homem que sabe servir-se da penna, que pode publicar o
que escreve, e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a
verdade, deixa de cumprir um dever, comete o crime de covardia,
é mau cidadão.

JULIO RIBEIRO: *Cartas serbanegas*.

NENHUMA época melhor que esta para
expendermos algumas ideias quanto ao
fim primordial que a classe trabalhadora
deve ter em mira como problema de maior
segurança e maior urgência.

Resume-se na educação profissional des-
cuidada, em extremo, em quasi todos os
Estados.

Visando uma necessidade mais alevan-
tada, menos hypocrita e menos phanta-
ziosa, deve o operariado brasileiro (especi-
almente o nortista) exigir dos dirigentes,
para felicidade sua e da pátria, a criação
de escolas profissionais onde o ensino seja,
em verdade, o preparo completo para o
ingresso no *struggle for life*.

Muito mal feita tem sido, até hoje, tal
educação e o seu estado, actualmente, é
contristador.

Os operários brasileiros têm servido de
pacientes discipulos do elemento extra-
nho, elemento importado para dirigir em-
presas.

E porque se toma emprestado o alheio?
Pela deficiencia do ensino.

Com a reduzida indústria que possui-
mos, com o resumido número de cursos
d'artes e officios, o artista nacional vive
amesquinbado por lhe faltar conhecimento
perfeito de sua capacidade, consequencia
visivel da falta que apontamos.

Na sua frente se apresentam os extra-
nhos, muito bem preparados nas escolas
dos seus paizes—para o triumpho na vida
prática.

Um ligeiro escoreço pela Europa, America
do Norte e Azia nos demonstra categori-
camente o valor do operário consciente,

consciente porque se educou de modo seguro e aprendeu fazendo e não decorando theorias.

Na Allemanha se começou, em 1884, a organizar a educação profissional e tecnica e o operário allemão é, de facto, orgulhoso de seu saber.

A França e a Italia abandonaram outras questões para se interessar vivamente pelo levantamento e progresso das suas indústrias e do seu ensino profissional.

A pequena Suissa, pequena mas admiravel Suissa, além de não possuir alfabetos, soube demais fazer dos seus filhos operários valiosos. E tão bem feita é sua educação que Numa Droz, gravador de relógios aos 17 annos, depois de vinte de estudos cuidadosos, foi eleito presidente da culta confederação Helvética e a governou, mais de um decênio, brilhante e proveitosamente.

Palando da Inglaterra devemos salientar o conceito dos seus productos, conceito adquirido pela boa qualidade e segurança de fabrico. Não deve a grande Albion esse triumpho sinão ao seu criterioso ensino profissional que chega a ser feito por professores ambulantes, desde as principaes cidades até os lugares mais longínquos.

Ninguém contesta a segurança em que vive o artífice yankee. Ninguém contesta porque sabe aquilatar da magnífica instrução profissional nos Estados Unidos.

Carniro Leão, no seu livro *Brasil e a educação popular*, observa: "quinte e ... na America ha cursos profissionais para tudo e tudo se aprende com facilidade e afino. Ha Faculdades e Acadêmias para o estudo dos officios mais diversos desde engenharia electrica, á mais cômoda e rápida até aos cursos para a habilidade na preparação do *champoo*, na arte de cabellereiros".

O Japão, comprehendendo que devia acompanhar a evolução da industria, abandonou o aziatismo e dentro de outros moldes de acção, conseguiu, em cinco annos, um progresso extraordinário.

Fialho de Almeida, dirigindo se á Bernardo Chousal, diz: "Algumas dezenas d'elles ahí andam na industria ganhando a vida como operários e mestres d'officinas, e em fama de singularmente peritos e instruidos. Mas é uma minoria risivel em que se põem excepção successos que em todos os paizes modernos constituem regras ha muito tempo".

E porque excepção de successos? Pela diminuta e insufficiente educação profissional portugueza.

No Brasil, especialmente no norte, as Escolas de Artífices não demonstram mais do que pequeno resultado. É uma realidade que resalta aos olhos de qualquer pessoa.

Vêm os operários, nomeadamente os nossos patricios, a minúscula instrução tecnica e profissional do paiz; e, longe de

macaqueações anarchicas para a conquista de direitos, devem exigir escolas profissionais onde se entre criança e se saia operário, sabendo praticamente ganhar a vida, honrando a industria nacional.

Primeiro que tudo, o soerguimento dessa educação.

BOTELHO FAGUNDES.

A Cezar o que é de Cezar...

ESTAMOS adquirindo a fama de milagrosos pelo muito que temos feito.

Na verdade, em um meio relativamente atrazadissimo como o nosso, onde a menor critica literaria torna o seu autor inimigo de uma raça inteira de sabichões mediocres, publicar uma revista como esta, reconheça se! é preciso ter muita audacia para enfrentar tantos obstáculos.

Isto quanto á parte literaria. Ha ainda a parte material, que é a vestimenta exterior. Essa cabe a outro e nós não somos tão egoistas ao ponto de puxar os louros e as pedradas para o nosso lado, isso não!

A feição agruavel, a harmonia em seu conjunto, a esthetica das composições de ACTUALIDADE arranjadas com notavel deficiencia de material gráfico, devémol a inteiramente ao nosso infatigavel companheiro de trabalho Aluizio Câmara, um dos mais perfectos conhecedores da arte, nesta Capital.

Seja, portanto, distribuida, em partes iguaes, a glória dos louros conquistados, e devolvidas intactas as pedradas dos cabotinos e as váias dos moleques de rua mettidas a literatos.

Redacção.

SO'

Passando exposto as noites, ao relento,
A contemplar a bella natureza,—
Atravéz desta vida de incerteza...
Meu coração maldiz o meu tormento!

Olhando o constellado firmamento,
Na aurea crystalina aurea belleza!—
E minh'alma repleta de tristeza,
Envolta em laocnuante desalento!

Não ha prazer em mim; antes saudade!
—Embora procurando uma ventura...
Vivo saudoso em plena mocidade!

Sem treguas minha dôr!—esta amargura
Tem sido toda minha soledade,
Nas horas descoladas de tortura!...

(Neo)

JOSÉ MARINHO FILHO

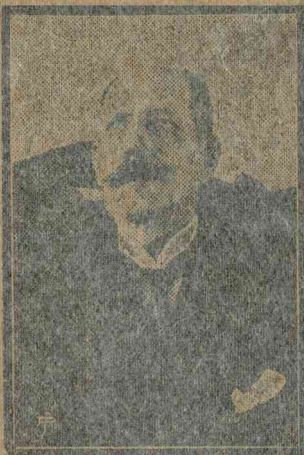
Natal, 18 de Maio de 1920.

PARENTE VIANNA

Falleceu repentinamente num hotel em Recife, envolto na obscuridade quasi anónima de simples hóspede, este que em vida se chamou José Parente Vianna.

Educado na grande pátria de Goethe, possuía um talento verdadeiramente superior ao meio em que viveu. Sua casa de morada era um verdadeiro oásis naquelle deserto de obscuridade. Risonho, ás vezes retrahido ao extremo, falava mais intimamente aos seus livros, sonhando extasiado interpretando Chopin numa emotividade commovedora.

Para elle existia uma infinidade indiscriptível entre a sonoridade das no-



tas das composições wagnerianas e os períodos de Taine e de Goethe. Viveu essa vida simples e desafiada das creaturas felizes, e morreu abruptamente num quarto vulgar de hotel, sem sentir os effluvis alentadores de uma voz amiga e as doçuras de um coração devotado.

Publicando hoje o seu retrato, rendemos-lhe uma sincera homenagem, desde que, durante sua vida fomos bastantes pequenos

para não encherarmos a sua grandeza d'alma e de espírito, envoltas na auréola de uma excepcional modéstia.

As homenagens mais verdadeiras são, sempre foram as tributadas aos mortos.

Cartas ao Sr. Jeronymo

II

REPORTANDO ME ao assumpto que serviu de escopo á minha primeira carta, permitta que o faça sem ardoes preconcebidos, entrando, sem delongas, na analyse que prometti fazer na "Revista do Centro Polymathico".

Tenho a sobre a mesa onde tracejo estas linhas, e antes de virar-lhe a capa, respingo aqui um pequeno reparo:

Quando a sua "Revista" me veio ter ás mãos pensei que, por pilheria, alguém me houvesse dado a ler um desses corriqueiros livrinhos de sortes sanjuanescas. V. conhece, provavelmente, um que, nesse genero, se edita ahí em Recife, todos os annos.

Refiro-me ás *Estrellas de Junho* que, dada a afinidade psychologica existente entre estas e os *Balões de Ensaio* do senhor Ezequiel Wanderley, só posso atinar que sejam parentes muito proximos. Pois bem: os *Balões de Ensaio*, ou melhor, as *Estrellas de Junho*, têm, ao meu ver, uma similitude extraordinaria com a sua indesejavel "Revista".

Mas, objectará V. que a culpa não foi sua e sim do editor. Este, por sua vez, protestará dizendo que V., na qualidade de director supremo da "Revista", é o unico responsavel pela parte artistica e intellectual da mesma. E não tenha duvida; não ha justificativa para V.

Ha tambem a notar uma anomalia interessante na capa da alludida "Revista": a intromissão dos nomes de duas pessoas inteiramente desconhecidas no "meio" intellectual como redactores. Dellas apenas se sabe que uma desempenha simplesmente as modestas funções de empregado dos telegraphos e a outra é um respeitavel Juiz encarregado de fazer recenseamento no interior do Estado.

Mas, consinta que folheie a "Revista". Nitidamente impressa em tinta de typographia, a pagina de honra ostenta o retrato do senhor Epitacio Pessoa, acompanhado de meia duzia de períodos encomiasticos a s. excia.

Dadas as minhas qualidades de regiona

Ista intransigente, não bato palmas a essa homenagem que V. quiz prestar ao illustre filho da Parahyba, só porque é elle, actualmente, o "mandacubvas" neste paiz cheio de engrossadores vulgares.

Que tem o senhor Epitacio Pessoa com a litteratura do Rio G. do Norte?

Imagino e estou a gosar as caréas de tedio e de repulsa que o senhor Presidente deve ter feito ao intear-se da sua *camouflagé* litteraria!

Essas coisas, meu amigo, não inaltecem ninguém; pelo contrario, deixam no espirito de quem as assiste uma impressão desoladora de fraqueza mental.

Mais adiante, lá vem V. subscrevendo uma succulenta e possante estirada philosophica, cujo thema é o attestado seguro e incontestado da sua competencia em assumptos tão transcendentaes.

O que, porem, me pasmon foi que V., estudando *O Mundo em transição*, pudesse encontrar ensejo para fazer referencias li sougeiras ao senhor José Rufino, actual Governador de Pernambuco.

Talvez seja por isso que o mais pulha dos seus antigos servicaes aqui ande a propalar, ás escancaras, que V. é o "pae do mundo", o que eu, mais polido e menos irreverente, quando muito, lhe chamaria de *agnia*.

Logo depois fez V. vir a lume a bellissima poesia do senhor Henrique Castriciano—*O Aboio*—publicada, se me não engino, na época em que me nasceram os primeiros dentes.

Teria V. passado pelo dissabor de não poder arrancar das mãos do illustre burilador do verso, uma outra joia artistica lapidada mais recentemente? Isso deixa a pensar no seguinte: ou V. não mereceu a consideração precisa, o que não é aceitavel, ou o amigo quiz fazer da "Revista" um museu de coisas antiquadas e repetidas.

Mas o que sei é que, com a inserção da poesia do senhor H. Castriciano nas paginas da "Revista do Centro Polymathico", V. quiz confirmar o que disse o velho Goethe: "não ha obra má que não contenha alguma coisa boa".

Passo ainda por cima de algumas paginas e vou demorar a vista numa conferencia realisada no anno de 1917 (tres annos, veja bem!) pelo senhor Galdino Lima. E' sobre a personalidade litteraria de Ferreira Itajubá que o illustre representante da intellectuandade assuense desenvolve o thema da sua conferencia.

Teria elle idoneidade intellectual necessaria para estudar, em traços geraes, o autor do *Terra Natal*? Será elle verdadeiramente um emotivo capaz de comprehender e sentir as nervosidades estheticas que dominam esses predestinados como o foi o eterno e querido enamorado de Branca?...!

Que faz versos, eu o sei; mas que são ruins, ninguém o contesta.

Mire se V. no seu ultimo soneto *Joanna D'Arc*, recentemente publicado na *A Republica*, e diga, sem conveniencias pusilanimas e covardes, se o indigitado conferencista pôde ou não dizer que Fulano ou Sicrano é bom ou máo poeta?

E não se admire se chegar por ahi a noticia de que *Joanna D'Arc* vae ser, agora, descanonisada.

Depois disso, segue se a photographia do senhor José Rufino, actual dominador do conhecido "Leão do Norte".

Nunca ouvi dizer que esse senhor fosse filho do Rio G. do Norte e nem tão pouco tivesse interferencia nas coisas publicas deste Estado.

Mais adiante, vem um amontoado de anices poeticas, que só mesmo a imaginação morbida de um Carvalho da Silva pode crear. Basta que lhe diga que esse moço é o niesmo autor do *come lingua* e da *Minha Rocha*.

Basofoiro e vaidoso a granel não ha demovel o do proposito de ser poeta, nem mesmo com sacrificio do bom senso da metrica.

Passo ainda incólume por sobre outras paginas que me não inspiram curiosidade de demorar.

Desta vez os meus olhos se vão deslumbrar numa scena positivamente enternecedora. Refiro-me ao *cliché* que V. tão habilmente fez transportar para a "Revista" e no qual se destaca, numa attitude comica de farçante a sua *lazarina* pessoa. Allí V. já não é o Jeronymo *infinitamente impessoalisado*, mas sim uma copia authentica e fiel de um S. Vicente de Paula ou de um S. Francisco de Assis.

E' irrisorio tudo isso!

Mas, que tenho eu que V. se apresente em publico deslavamente hypocrita como é?...!

E sem mais desperdicio de tinta e de tempo, dou por terminadas as minhas considerações a respeito da "Revista", com a qual V. patenteou sufficientemente as suas qualidades recommendaveis de *blagué* profissional em questões litterarias.

Não fallo, como vê, na sua ingratição com o Rio G. do Norte, que o acolheu tão generosamente, e nem na deslealdade que acaba de commetter para com dois dos seus collegas, pondo abaixo dos escriptos dos senhores Jayme da Camara e Floriano Cavalcante, observações extemporaneas e ridiculas, como se as ideias e os conceitos dos seus confrades estivessem sujeitos ao tacanhismo absurdo das suas opiniões.

Aqui, subscrevo-me—

FELICIANO NAZARETH.

Natal—920.

O Brazil e as imitações

GIGANTESCO territorio!

Quanta gloria, quanta grandéza, quanta belléza encerra o nosso Brazil!

Parece que a Naturéza foi mais poderosa e mais fértil na terra do «Cruzeiro» do que nos demais Paizes que formam o continente sul-americano!

E' pena que o Brazil ainda esteja atassado no seu desenvolvimento; sim, porque o seu progresso: civilização, commercio, industria, etc., tudo é fictício, tudo é emprestado, tudo é, em summa, a evolução dos Paizes estrangeiros...

Somos obrigados, portanto, nós que pensamos como verdadeiros brasileiros, e que deviamos ter commercio proprio, industria propria, civilização propria, tudo mais, enfim, a imitarmos tambem, desempenhando, muito contra a nossa vontade, o verdadeiro papel de macaca...

Lá, muito além nos sertões brasileiros, quanta differença de costumes! Sentimo-nos bem; respiramos o ar puro por essas regiões sadias, onde a brisa sopra constantemente.

Aqui, é a fazenda, velho casarão de estylo proprio; ao lado o curral de pan a pique e o grande cercado onde pastam gado, cavallos e miunças. Allí, á certa distancia é a faixa verde formada pelas caraúbeiras, joazeiros, quixabeiras, espigheiros, ingaseiros e tantas outras arvôres que margeiam o rio que desce da serra longinqua, que se vê ao fundo do magestoso scenario. Ao sul e ao norte, são as bellissimas cordilheiras que se prolongam á grandes distancias, parecendo se confundir com o azul do Firmamento! Do outro lado do rio é a povoação, onde ha uma feira por semana. Da fazenda vê se, apenas, o telhado da Capelinha branca.

E', pois, nessas regiões, que predomina o verdadeiro espirito brasileiro!

Falla-se muito pelos sertões nos grandes meios civilizados—Rio de Janeiro, S. Paulo, Recife e mais algumas capitães.

Certa vez um rico fazendeiro quiz conhecer a Capital Federal, e lá se foi!

Apenas desembarcou o nosso homem no porto do Rio de Janeiro, um hespanhol bem desempenado, fallando atrapalhado ainda, apresentou-se-lhe, dizendo: «Sr Curúnel, a la Pencion hespanhola, trata-se biéne a lo freguez mais ézigente».

O coronel olhando-o de cima abaixo e bastante admirado: «Itai! comsigo, mas em primeiro que tudo me diga como se chama este lugar aqui, onde acabo de desembarcar?»

«Caes Pharoux, sr. Curúnel», respondeu o hespanhol.

O fazendeiro interrogando a si proprio: «mas, meu Deus, isto aqui será mesmo o Rio?»

Alguns minutos depois foi o coronel introduzido na Pensão hespanhola. rr boras. Mudou de roupas e desceu ao almoço. Sentando-se junto a u'a meza, bateu palmas.

O garçon, tambem hespanhol, bem mãoço e activo, em menos de dois segundos chegou á méza do coronel e cantou a musica do menu.

O rico fazendeiro boqueaberto olhou-o e disse: «Não entendo nada meu, rapaz! Diga de nóvo, viu?»

O garçon repetiu a *Indanhu*.

O coronel fúlo de raiva: «Tiquei na mesma... Pode se retirar, depois o chamarei!». E examinando o menu, procurou lêr, terminando por nada comprehender! Levantando se, tomou o chapéu e sahio desapontado. Chegou á Avenida Rio Branco e estacionou numa esquina, junto a um portuguez que vendia jornaes e revistas; e deslumbrado contemplava o colossal movimento.

O gazeteiro: «Cavalheiro, olha, os jornaes é as revistas».

O coronel encantado com o movimento não deu attenção.

Diversos academicos se aproximavam conversando e gesti ulando muito.

O turista olhando-os com admiração pela extravagancia dos seus trajés, perguntou ao gazeteiro:

«Dize-me cá, meu rapaz, essas creaturas de caras tão

lisas que acabam de passar, são homens ou são mulheres?»

O gazeteiro a rir muito: «Porqué é que o sr. me faz semelhante pergunta?»

O fazendeiro: «Naturalmente se os vêm de casacos, a apparecer francamente palmo e meio de canéllas... Podia ser muito bem uma nova moda de senhoras!»

O gazeteiro a rir ainda mais: «At! que elle é gáca verdadeiro... Pois sr. aquillo é móda, mas dos mãoços chics, dos mãoços art-noveaux, ainda não ouvia fallar de uns taes almofadinhas?»

O coronel estupefacto: «Sim, senhor! Tudo se vé hoje em dia!»

Eis que vêm pelo passeio três senhoras chics e param perto, em frente de uma vitrine.

O fazendeiro pergunta novamente ao gazeteiro: «E essas que chegaram allí naquella porta de vidro, andando como carallo peido e de chapéus de aparatuvens, quem são?»

O gazeteiro no proposito de levar o ao troca, responde: «Sim, capitão gáca, conheço todas ellas, são—madame Garnier, mademoiselle Corneville e miss Jeanne Arnold».

O fazendeiro abalando a cabeça e fitando-o: «Que horrôr, meu rapaz, pelo que vejo isto aqui não pôde pertencer ao meu Brazil, é impossível! Onde vim eu me metter... Só penso que estou na Franca, Inglaterra e Estados Unidos, tudo de uma vez! Não posso me demorar nesta terra; von me embôra amanhã nem que seia numa canôa furada... Santo Deus! neste lugar não se falla mais a minha lingua? Vótes!»

O gazeteiro continuou a rir e a criticar o coronel.

E o nosso homem sahio dali vendendo azeite ás canadãs. Chegando á Pensão, tratou de se preparar para a feliz volta.

No dia seguinte, pela manhã, o coronel deixou a pomposa Capital Brasileira.

Dias depois, ao chegar ao porto do Recife, desembarcou e foi por umas cartas no Correio. Chegando em terra, perguntou onde ficava o Correio, e lhis ensinaram, mais ou menos. Seguindo por uma rua, ao canto de uma Praça, viu escripto na fachada de um predio: «Administration Carte Postale». Parou em frente e disse com seus botões: «Mas será mesmo aqui o Correio?! Com semelhante nome estrangeiro?! Emfim vou me certificar; como neste Brazil hoje em dia só se trata das imitações, pode ser...»

Era de facto o Correio. O fazendeiro deixou as cartas e sahio se benzendo. Mais adiante, viu na fachada de um sobrado: «Hôtel de l'Europe»; seguindo viu mais outro edificio numa esquina, onde se lia: «Café Chileno»; caminhando mais, num palacete:—«London Banc»; tomou o bonde «Bristh-Club» e saltou na Praça da Independencia; olhando a um lado do *Diario de Pernambuco*, viu numa fachada—«Café Chile»; seguiu pela Rua Nova, e numa casa lá estava escripto—«Lombvre» e, finalmente, depois de vér uma grande serie de nomes estrangeiros, voltou á borça, dizendo comsigo: «Ora bôlas, o tal Recife em materia de estrangeirismo, me parece que é peor do que o Rio!»

Alguns dias mais tarde o coronel chegou á sua rica fazenda, em vez de satisfeito, muito aborrecido e triste!

Interpelado, pelos amigos a cerca de sua tristéza depois de haver conhecido a Capital Federal, declarou que em vista do que soffrêra e observára, tinha razão de sóbra; pois que os grandes meios civilizados de que tanto se fallava, eram compóstos, tão somente, de vis imitações; que o povo brasileiro não sabia mais fallar sua lingua devido o terrivel microbio do estrangeirismo...

Concluiu o coronel: «Para encurtar a conversa, meus bons amigos, lhes digo com sinceridade que os grandes meios civilizados do Paiz, são as vergonhas do nosso Brazil!»

LUIZ CANDIDO.



CARTAS



II

NESTA segunda carta, nada dir tei dos mysticos phenomenos espiritas, porem, venho abordar um assumpto de alta relevancia na opinião geral, já resolvido de um modo definitivo e que não comporta discussão—a predominancia dos mais fortes nos combates da vida, doutrina de que foi genitor o grande genio de Darwin.

Esta theoria que tem algo de desconso-ladora, não a julgo absoluta, revelando por completo os phenomenos da vida.

Parece ao meu espirito, por certo acan-pado e sem grandes surtos, reconhecida como deve sêr a lei da evolução, que, ven-cendo sempre nos combates da existencia os sêres dotados de garras mais aduncas, melhores armas e músculos de aço; as es-pecies devoraram-se iam na escala ascendente de suas fortalezas e o planeta teria de sêr, por certo e fatalmente, habitado por gigantes, por especies de grande vigor que, acabariam por se aniquilar, by these que aberra das noções de tudo que n'occorrido na arena do globo desde primor-dios da sua organização lenta.

Ninguém, meu caro, contesta, entre o cão e a corça, esta ha-de ter-se a se vi-cima da fatalidade de sua fraqueza, mas a corça não desapareceu ainda do pla-neta, o que comprova que, a predomina-ncia do mais forte é mais imaginativa que real.

No plano da criação universal, nas leis que regem todos os phenomenos da vida, não entraram, por certo, noções de com-pleto aniquilamento de uma especie por outra, mas apenas o principio irreductivel do normal equilibrio de todas as especies.

Chame-se providencia, chame se lei de organização dos sêres a pseudopredomi-nancia dos mais fortes no sentido de dar morte ou de extinguir o mais fraco, é um verdadeiro *flatus vocis*, porquanto, o que se observa dia a dia nos combates geraes ou parciais de todas as especies, é, sem du-vida, a necessidade de viver, ou a necessi-dade de espaço, sem que, comtudo, os ven-cidos desapareçam.

E succede, para melhor desvendar a ver-dade do equilibrio das especies que, os mais fortes animaes, os chamados vencedores, são de mui restricta fecundidade, ao passo que, os fracos, os aparentemente destina-dos a perecer, são de admiravel prolifera-ção.

Isto prova até á evidencia que, não ha aniquilamento de uma especie por outra, que, não ha nesses combates victoria com-pleta, mas visivel equilibrio de todas os

sêres e todas as especies, lei providencial, lei que documenta uma alta intelligencia creadora.

Para illustrar o que vimos dizendo, bas-ta pedir á sciencia natural alguns exem-plos dessa lucta constante entre varias es-pecies.

Em qualquer ponto do planêta, onde possamos observar na naturêza o pheno-meno da vida, facil é chegar á segura e lim-pida conclusão do equilibrio das especies.

Observemos os ares, onde cruzam se os numerosos bandos de pombas e outras pe-quenas aves, victimas do gavião terrivel que, raramente se nos apresenta, sosinho, sem que jamais consiga a extincção d'a-quellas especies, cuja unica arma defensiva é a proliferação intensa.

Penetremos nas florestas, onde erram devastadoras fêras, cujas garras mortife-ras ainda não conseguiram proclamar a victoria dessa especie, contra seus *frageis* inimigos que, encontraram a sua defêza em inexpugnaveis abrigos, que a naturêza, providencialmente lhes proporcionou.

Investiguemos os mares, onde gigantes os cetaceos, por mais que devorem os inumeros cardumes das pequenas sardi-nhas, ainda não conseguiram, nem sequer, sensivel diminuição, pois sua infinita fe-cundidade se oppõe, como barreira intrans-ponivel, á extincção dessa tão apparente-mente fragil especie.

Assim é, meu caro X, que arrisco estas ligeiras reflexões em desacordo ás doutri-nas do grande naturalista inglêz, cuja me-moria, tantas glorias tem legado ao mun-do das sciencias; no entretanto, esse meu arroubo de ousadia está escudado em sa-bias theorias de homens não menos sabios.

Não será preciso justificativas mais lou-gas, pois, ao meu vêr, não estarei muito afastado da verdade seguindo as doutri-nas do grande naturalista que disse:

«Entre deux compétiteurs de la substan-ce, le droit est égal, c'est le droit de con-server l'existence».

Não te parece?

Teu—

O. H. DE SIQUEIRA.

—Nas *Cartas* do numero passado, li-nha 31, onde se lê “cadeira do desco-nhecido”, leia-se “cadeia do desconhe-cido;” e na linha 42, leia-se “que se jul-gam crentes”, e não como sahio pu-blicado.

O. H. DE S.